

Serenidade

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

Fátima Niemeyer da Rocha

Psicóloga, Mestre em História Social, Doutora em Psicologia

A presente resenha, da primeira parte da obra “Serenidade”, expõe a perspectiva de Heidegger a respeito da dificuldade do homem atual de conceber um pensamento reflexivo, embotado que está pela onipotência da tecnologia contemporânea. O homem atual é vítima freqüente da pobreza de pensamentos, a despeito da possibilidade de um contato imediato com toda espécie de conhecimento. Não se trata de uma renúncia à capacidade de pensar, mas de uma constatada improdutividade de seu “espírito” e de sua “razão”. Essa crescente ausência/fuga de pensamentos, geralmente não admitida pelo indivíduo, resulta de uma preferência pelo ‘pensamento que calcula’ (caracterizado pela planificação, pesquisa e investigação), em detrimento do ‘pensamento que medita’ (marcado pela reflexão sobre o sentido da existência e das coisas), como Heidegger os denomina. Há o perigo da revolução da técnica deslumbrar e enfeitiçar o homem a ponto do pensamento que calcula tornar-se o único exercido e admitido, impedindo a reflexão, redundando numa ausência total de pensamentos. No entanto, embora o pensamento que medita requeira um pouco mais de esforço e treino, está acessível a qualquer um que se disponha a refletir, a demorar-se “junto do que está perto”, meditando “sobre o que está mais próximo”, no aqui e agora.

O problema apontado por Heidegger é o da ameaça ao *enraizamento* das obras do homem atual, resultante das contingências de seu destino, de seu modo de vida negligente e superficial e, principalmente, do espírito de sua época, que o mantém afastado da meditação sobre a era atual. O não questionamento das representações que dominam a visão de mundo do homem contemporâneo, proporcionadas pelo que Heidegger aponta como filosofia moderna, converteu sua relação com a realidade em uma conexão meramente técnica, onde a natureza tornou-se um objeto de investida do pensamento que calcula. O poder da ciência e da técnica contemporâneas passou a determinar as relações do homem com tudo o que existe, solicitando-o, prendendo-o, arrastando-o e afligindo-o, de tal modo que suplantou sua vontade e sua capacidade de decisão. Embora as realizações da técnica possam tornar-se públicas e admiradas rapidamente, isso não garante ao homem um conhecimento reflexivo sobre o que ouve ou lê, nem lhe dá a oportunidade de praticar o pensamento que medita, para lidar de forma adequada com tudo que emerge ao seu redor. Isso apenas denota o fato inquietante do homem estar despreparado para essa transformação do mundo, mostrando-se passivo e indefeso para enfrentar a prepotência da técnica, deixando-se escravizar pelos objetos.

Heidegger demanda por um novo enraizamento, num novo solo, no qual a obra da natureza humana possa florescer. Este somente será alcançado pela reflexão, pelo pensamento que medita, que exige uma dupla representação dos produtos/resultados do mundo técnico, hoje inevitáveis e imprescindíveis. Nesta dupla representação, o homem pode estabelecer com os objetos uma relação simples e tranqüila, sem apego ou

dependência, apenas utilizando-os e usufruindo a comodidade que proporcionam no mundo cotidiano e, ao mesmo tempo, pode mantê-los repousando “em si mesmos”, sem considerá-los coisas absolutas, o que impede que o absorvam e confundam.

Tal atitude de dizer, simultaneamente, sim e não ao mundo técnico Heidegger denomina *serenidade para com as coisas*, a partir da qual se estabelece uma nova relação com a natureza e o mundo, onde as coisas já não são vistas apenas do ponto de vista da técnica, numa relação sem-sentido. Nos processos técnicos encontra-se um sentido não revelado, um sentido secreto do crescente domínio da técnica – o mistério – que se oculta ao vir ao encontro do homem. Então, faz-se necessária a atitude de *abertura ao mistério*, ao que se mostra ao mesmo tempo em que se retira. Heidegger entende como inseparáveis a serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo, por permitirem ao homem um novo modo de se manter e subsistir no mundo técnico, com uma nova perspectiva de enraizamento, promovendo o resgate do que o homem possui de mais próprio em sua essência – a reflexão. Mas, ao mesmo tempo, a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério somente são possíveis pela prática de um pensamento resolutivo e contínuo.